Aula
3

A HISTORIOGRAFIA SEGUNDO MICHEL FOUCAULT (1926 – 1984)

META

Caracterizar o pensamento historiográfico de Michel Foucault.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
elencar e explicar os principais aspectos do pensamento historiográfico de Michel Foucault.

INTRODUÇÃO

Michel Foucault (1926-1984) surge no contexto intelectual francês dos anos 1960 – época em que inicia a publicação das suas obras. Naquela fase, dominavam o cenário filosófico francês duas grandes correntes de pensamento: o Existencialismo e o Marxismo. Foucault contrapõe-se, de certa forma, a esses dois sistemas. Ao contrário dos existencialistas, não pretende fundar um novo cogito, isto é , uma filosofia centrada no sujeito, como fundamento e destino da reflexão filosófica. Não toma o homem como o núcleo da sua abordagem. Não é humanista. Em suma, não vê o homem como fundamento explicativo. Por outro lado, ao contrário dos marxistas, Foucault não quer fazer da sua análise um mecanismo de "desocultação" ou desmistificação dos enganos ideológicos, uma crítica à cultura nos moldes do marxismo. Outro é o seu propósito: historiar os "discursos verdadeiros" no contexto das sociedades ocidentais, da Antiguidade até os nossos dias. Logo, seu tema, inicialmente, são os discursos verdadeiros e dotados de poderes. Falas verídicas e potentes. Falas autorizadas. Obviamente, o legado de Foucault pode ser visto como uma crítica. O autor dizia que seus livros deviam ser usados como "ferramentas" ou instrumentos de luta.

Assim, Foucault pode ser enquadrado numa certa tradição filosófica: o criticismo, fundado por Emmanuel Kant (1724-1804). Simplificando em demasia, tal vertente filosófica tem como ambição fundamental discernir as condições de possibilidade do conhecimento válido, as condições de validade e os limites da "razão pura", do conhecimento teórico. Foucault também está preocupado com as condições do conhecimento, todavia o seu interesse recai nas condições concretas, institucionais, práticas possibilitadoras da emergência de discursos considerados verdadeiros, marcados por efetividade. O filósofo se pergunta: em que condições alguém pode enunciar a verdade? Pense, por exemplo, como para nós modernos, laicos, o cientista é o emissor do discurso verdadeiro. Note o poder do discurso do "especialista". Quem está capacitado para enunciar a verdade em nossa sociedade? Veja a tirania do discurso médico prescrevendo como devemos viver, um estilo de existência, senhor da vida e da morte. Pense no poder do discurso professoral... Eles podem até não dizer a verdade mas, como diria Foucault, "estão na verdade". Onde situar precisamente Michel Foucault? Qual a natureza da sua abordagem? O filósofo francês pode ser enquadrado no campo da chamada "História do Pensamento", "História das Ideias". Nesse sentido, é revelador o nome da "cadeira" por ele ocupada no famoso Colégio de França: "História dos Sistemas de Pensamento". Além disso, o mesmo Foucault disse, em 1969: "Talvez eu não passe de um historiador das ideias. Mas envergonhado ou, se quiserem, presunçoso" (FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Petrópolis: Vozes, 1972). Essas pistas parecem indicar o perfil da démarche do autor: uma história voltada para

os "sistemas de pensamento"; uma "história das ideias" encaradas como discursos, marcados pela efetividade, pela ambição de verdade. Note: para Foucault, discurso não é negação da prática, ideia pura, teorética. A psiquiatria, a criminologia, a medicina clínica, a teologia moral católica, a paideia grega não são somente ideias, discursos; são, efetivamente, práticas, modos de fazer. Estão ancoradas em instituições, têm uma efetividade. Foucault fala, assim, de "práticas discursivas" (Ver: FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 1996).

Em sua aula inaugural no Colégio de França, pronunciada em dezembro de 1971, ele diz: "Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos" (FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 1996). O tema principal de Foucault, nesse contexto, é o discurso enquanto coisa controlada, regrada, instituída, efetiva.

Essa centralidade das práticas no pensamento de Foucault fica patente ainda numa conferência de 1973, na PUC do Rio de Janeiro. O historiador se interroga, nessa ocasião: "Como se poderiam formar domínios de saber a partir de práticas sociais?" Mais adiante ele mesmo responde: "As práticas sociais podem chegar a engendrar domínios de saber que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos de conhecimento" (FOUCAULT, Michel. A Verdade e as Formas Jurídicas. 11. ed. Rio de Janeiro: PUC, 1979). Atente para a importância da efetividade no aporte do autor, o primado da prática no cenário da sua abordagem. Observe: discursos e sujeitos vistos como produtos da prática social. A história torna-se, na visão dele, uma tecnologia de saberes e sujeitos. No centro dos estudos do historiador estão estes objetos: saberes e sujeitos, historicamente forjados, constituídos, engendrados...

A história forjada por Michel Foucault gira em torno de um ponto central: as condições da relação sujeito/objeto, constituindo saberes efetivos como psicopatologia, medicina clínica, ciências humanas, "sexualidade", "afrodisia", "carne" etc. Foucault, sob essa ótica, encarna, na atualidade, o projeto do criticismo: efetua uma análise crítica da emergência dos discursos com pretensões de verdade, saberes postos em circulação com a chancela de verídicos. O autor é, desse modo, fundamentalmente, um historiador, não "envergonhado" ou "presunçoso", mas um inovador, inventor de novas abordagens: um deslocador de perspectivas. O fundador de uma nova forma de encarar e escrever a historiografia.

MOTIVOS DA INVENÇÃO DA "ARQUEOLOGIA"

Iniciando o capítulo, o autor apresenta as suas razões para inventar um novo método de análise, a arqueologia:
a) A descrição arqueológica,diz Foucault, foi inventada em decorrência da insuficiência ou inadequação da história das ideias (obras, autores, livros, temas) para analisar os discursos enquanto práticas regradas produtoras dos objetos que aborda. As noções de livro ou obra, por exemplo, não são imediatas ou evidentes;
b) É propósito do autor se afastar tanto do método formalizador (estruturalismo) quanto do método hermenêutico. Foucault não quer reduzir o discurso a regras linguísticas como fazem os estruturalistas e, ao mesmo tempo, não quer tratá-lo como manifestação das intenções do sujeito, como fazem os hermeneutas;
c) O autor quer um método que demarque um "domínio novo". Ele não é hermeneuta nem estruturalista. É um inovador que quer marcar distâncias.

Noutros termos, o autor quer afastar-se da tradição vigente no plano da análise dos discursos ou, mais especificamente, da história das ideias. Assim fazendo, afasta-se tanto do estruturalismo quanto da hermenêutica. Ao contrário dos estruturalistas, ele aponta para a historicidade das "estruturas". Foucault acredita que as estruturas se constituem e se desfazem na história, variam no tempo. O autor também se distancia por considerar os discursos como mero reflexo do contexto social da sua emergência.Aborda os textos em sua imanência e em seu contexto; foge do estreito textualismo típico do estruturalismo antropológico e da crítica literária formalista.

Quanto à tradição hermenêutica, Foucault se distancia dela por considerar os discursos não como expressão do sujeito autoral, mas como produtos de práticas regradas anônimas. Ou seja, o autor não busca no fundo do texto o propósito escondido ou velado do sujeito que o produziu, como faz, por exemplo, um intérprete de um poema ou de um texto em prosa. Tal hermenêutica se interroga sempre: o que quis dizer o poeta? Qual o sentido do texto estudado? Outra é a postura de Foucault diante dos discursos analisados. O filósofo interroga os textos ou documentos como sendo regidos por regras pelas quais o autor não é responsável, formas de dizer e pensar que estão na ordem do discurso, nos esquemas perceptivos próprios de uma época ou de um certo setor do pensamento. Para Foucault, o homem não é senhor dos seus discursos.

CARACTERÍSTICAS DA HISTÓRIA DAS IDÉIAS

Em seguida, o autor passa a apresentar um perfil da história das ideias. O propósito é diferenciar sua arqueologia da velha disciplina. Conforme Foucault, a história das ideias é marcada por algumas características básicas ou "defeitos":

a) No plano dos objetos, a história das ideias é caracterizada por tematizar objetos de estatuto incerto, secundários ou marginais. Assim sendo, ela focaliza as crenças em lugar das ciências e das filosofias, as opiniões em lugar dos conhecimentos sistematizados. O campo da história das ideias é o do não rigoroso, do ainda não sistemático. O não científico, o não filosófico, o não oficialmente artístico. É o campo do ainda não. Foucault, ao contrário, aborda os discursos científicos.
b) Um outro traço da história das ideias é – segundo Michel Foucault – no plano analítico, descrever gêneses e degradações de modo contínuo e linear. Tal especialista se pergunta: como surgiu tal ideia, como evoluiu, como se difundiu em tal e tal contexto? Por outro lado, é tarefa do historiador das ideias mostrar como uma ideia científica ou filosófica migra de um contexto para outro e ainda se relaciona com as instituições e as práticas. A história das ideias tem, dessa forma, um compromisso básico com a ideia de continuidade. Historiar é descrever a gênese continuísta de um objeto. A ênfase recai sobre as permanências, as continuidades. Digamos que eu quisesse fazer uma história do "amor romântico" ao longo das épocas... Minha abordagem recairia sobre a gênese e a continuidade desse ideal ao longo de uma faixa temporal escolhida. Foucault, ao contrário, enfatiza as descontinuidades, as rupturas, as diferenças. A função geral da história das ideias, conforme Foucault, resulta em tematizar três noções básicas:
- gênese – como os objetos nascem a partir de um ponto essencial. A busca das "origens", o "sentido originário". Exemplo: o "sentido" da democracia está na Grécia Antiga.
- continuidade – a história das ideias focaliza os seus objetos como sendo marcados pelo continuísmo através do tempo. É versão linear da história. O amor através das épocas. A democracia através dos tempos. A evolução do pensamento científico da Antiguidade à atualidade. História geral da criminalidade.
- totalização – a história das ideias gira em torno da noção de influência, espírito de época, contextualização.

PRINCÍPIOS DA "ARQUEOLOGIA"

Após caracterizar a história das ideias, Michel Foucault apresenta os princípios orientadores da análise arqueológica. Ou seja, em que a arqueologia se diferencia da forma tradicional de fazer história das ideais?
a) Em primeiro lugar, o autor destaca que a arqueologia foca discursos enquanto práticas regradas, dizeres que forjam os seus objetos em conformidade com certos jogos. Assim sendo, a psicopatologia engendra o "doente mental" obedecendo a certo jogo de verdade situado e datado. De modo similar, a criminologia forja o criminoso nato em consonância com certos princípios teóricos, práticos e institucionais. Fazendo assim, Foucault toma os discursos como práticas, modos de fazer, e não como

documentos que revelam intenções ou propósitos de autores. A arqueologia encara o discurso como sistema, e não como sentido oculto a ser revelado pela interpretação. Interessa-se pelo que fazem os discursos, e não pelo que querem dizer, o que significam. Enfim, como emergem os discursos, os objetos discursivos.

b) Um outro sinal distintivo da arqueologia – em contraste com a história das ideias – é o tratamento dispensado ao devir dos discursos no tempo. Como já vimos, a história das ideias encara os discursos como uma sucessão contínua, uma evolução linear, uma "progressão lenta". Outro é o escopo da descrição arqueológica. Ela focaliza os discursos em sua especificidade e irredutibilidade. Em lugar da gênese, a "irrupção da novidade", do singular. Dessa forma, por exemplo, a "medicina clínica" que emerge no século 19 é única, irredutível à medicina da Antiguidade ou da Idade Média. As ordens do visível, do dizível e do pensável são distintas nos três casos apontados. (FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Clínica. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980). Temos aí a descontinuidade em lugar da evolução ou gênese.

c) A arqueologia também se diferencia da história das ideias no que tange à obra e ao autor. A descrição arqueológica examina os discursos sem tomar a obra como um "recorte pertinente". A meta da análise arqueológica é, ao contrário, definir tipos e "regras" dos discursos não coincidentes com as obras de autores, sem tomar o autor como razão da obra e sem tomar a obra como unidade pertinente. Noutros termos, a descrição da arqueologia não gira em torno das noções de autor e obra, mas em torno de práticas discursivas. Tais práticas estão além do autor e da obra. Exemplificando: a ideia de Nordeste gestada nos anos 1930 configurou-se numa ordem discursiva que ultrapassa autores e obras. Assim sendo, o tema foi tratado por romancistas, sociólogos, artistas plásticos como uma prática discursiva transdisciplinar e transautoral.

d) Por fim, outra ambição da análise arqueológica é tomar os discursos sem remetê-los à intenção dos seus autores como "origem, identidade". Na análise arqueológica, o discurso não é visto como manifestação de uma vontade autoral subjacente. Ela não busca o ponto originário onde autor e obra se confundem. O fito da arqueologia é a descrição sistemática do discurso enquanto discurso-objeto. Importa, assim, a efetividade do texto, a sua materialidade, aquilo que ele efetivamente faz. Vejamos, por exemplo, os discursos médicos sobre a vida sexual... Diante deles, Foucault não se pergunta o que cada médico quis dizer, mas, efetivamente, o que tais textos fazem, o que eles engendram ou fabricam.

É o que ocorre, por exemplo, com a ideia de Nordeste nos discursos da esquerda na primeira metade do século passado. O Nordeste é gestado por práticas e discursos, no decorrer dos anos vinte e trinta, por agentes discursivos da elite dos Estados nordestinos. A região Nordeste é engendrada como seca, pobre, viril etc. Quando a esquerda passa a tematizar esse recorte

regional, vê-se obrigada a recorrer às mesmas imagens oriundas da fala elitista. Assim fazendo, apesar da intenção subjetiva dos autores de esquerda, termina-se por reforçar o estereótipo regional. Esquerda e elite estão prisioneiros dos mesmos jogos discursivos. Ambos falam do Nordeste como algo incontornável, obrigatório, natural (ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo: Cortez, 1999, cap. 3).

Afastando-se da hermenêutica, Foucault quer tomar distância de uma tradição analítica que vê nos discursos mera expressão reveladora do sujeito, do autor. Em face de um texto, o hermeneuta se interroga sobre o segredo que o documento esconde. A pergunta incontornável é: o que ele quis dizer? Quão distinta é a indagação do "arqueólogo" ante a materialização de um discurso! Ele pergunta: Como funciona? A que jogo discursivo e institucional ele está ligado? Que efeitos de verdade tal discurso produz? O arqueólogo fica na imanência do texto. Já o hermeneuta quer descobrir o mistério escondido nas profundezas do texto. Para além do texto, ele busca o autor, as intenções do autor, o sujeito produtor.

Em síntese, a arqueologia formulada por Foucault se separa da história das ideias de ponto a ponto:

- Contra a noção de gênese, a arqueologia propõe a noção de surgimento ou emergência;
- Contra o conceito de continuidade ou evolução, a arqueologia fala de ruptura ou descontinuidade;
- Em lugar de totalização, Foucault fala em especificações, raridades.

"Detonam-se", assim, noções tão capitais da nossa visão de historiografia (gênese, continuidade, evolução) Foucault continua na ordem do discurso histórico? Ou, como Michel de Certeau (1925-1986), ele funda outra coisa? Instaura algo novo? O que fazer de tal legado ou herança ?

Consideremos agora quais são as questões capitais. Duas perguntas centrais norteiam a abordagem de Michel Foucault:

a) Quem pode conhecer, em que condições, qual o estatuto de quem pode conhecer? Em síntese: quem pode enunciar tal e qual discurso? Quem, em última análise, está autorizado a dizer a verdade? Quem são os possuidores da palavra "autorizada"?

b) Por outro lado, Foucault também se interroga: em que condições algo pode se tornar objeto de conhecimento? Como alguma coisa pode tornar-se tema de um discurso pretensamente verdadeiro? Veja o caso da suposta influência dos astros na vida das pessoas. Na Antiguidade, ela foi objetivada como tema legitímo de um conhecimento verdadeiro, válido, racional. Hoje em dia, a astrofísica jogou a astrologia na vala comum das superstições, das crenças irracionais, não científicas. Portanto, tal saber não é mais tomado como pertinente à ciência... A questão é, então: que "jogos de verdade" foram sujeitos e objetos do conhecimento?

Para responder a essas indagações, Michel Foucault faz algumas "opções", traça as diretrizes metódicas do seu aporte.

a) Em primeiro lugar, a negação dos universais antropológicos. O autor problematiza noções como natureza humana, sujeito universal, loucura ou sexualidade como realidades eternas, ou seja, como invariantes históricos. Dito de outro modo, o autor relativiza todas as categorias. Dessa forma, a loucura não é algo universal, mas resulta de um determinado conjunto de práticas específicas num contexto circunscrito. A sexualidade, por sua vez, longe de ser um dado natural, universal, invariante, é um artefato histórico, constituído em condições determinadas. O homo sexualis é uma invenção histórica, nos assegura o autor. Foucault investiga: em que condições a vida sexual dos indivíduos pode se tornar sexualidade? Como ela tornou-se assunto de médicos, de pedagogos, de assistentes sociais? É a ideia de sexualidade como "dispositivo" historicamente datado e situado. A sexualidade enquanto noção que nos governa.
b) O segundo princípio metodológico seguido por Foucault é não tomar o sujeito como sendo a explicação do objeto, ou seja, não tomar o sujeito como o produtor de intenções ou ideias. Noutros termos, ele toma o sujeito como constituído no jogo de um momento historicamente demarcado. O propósito dele é mostrar como sujeito e objeto se constituem e se transformam, reciprocamente. Nos seus estudos, ele evidencia que discursos e práticas dos psiquiatras, dos criminologistas e dos médicos engendram, constituem, fabricam doentes mentais, criminosos e doentes. Em lugar de encarar os sujeitos como fundamento, Foucault aposta na produção do sujeito. Se Marx desvendou os meandros da produção socioeconômica, Foucault toma como propósito desnudar as tecnologias produtoras dos sujeitos no contexto da civilização ocidental. Ele afirmou numa entrevista ao fim da vida: "Não é o poder, mas o sujeito que constitui o tema geral de minha pesquisa".
c) O terceiro princípio do método de Foucault é privilegiar as práticas, dar primado ao fazer, à efetividade. O que se faz realmente em tal setor ou campo? Como se tratavam, efetivamente, loucos, delinquentes e doentes? As práticas são, para o autor, formas de agir e pensar. Esses são os objetos da história, o seu campo de pesquisa. As práticas, assim entendidas, são a chave para se compreender a constituição dos sujeitos e dos objetos. Os dois se constituem nas práticas. Essas relações, por sua vez, implicam relações de poder, ou seja, um conjunto de procedimentos e técnicas que atuam sobre os indivíduos. Em outras palavras, Foucault fala de relações de "governo" dos outros sobre o indivíduo. Exemplificando, certas formas de cuidar dos criminosos engendram o delinquente etc. De modo similar, a nossa tão cara sexualidade nada mais é do que o resultado de certas formas de governo do indivíduo por si mesmo e pelos outros. Como pensar a nossa sexualidade sem o concurso decisivo dos médicos, dos psicólogos, dos pedagogos ou da mídia? Quem, hoje, consegue enxergar-se fora do território da sexualidade?

A efetividade é, então, um dos nortes da abordagem de Michel Foucault. Como os discursos se efetivam concretamente? Que tipos de procedimentos eles implicam? Em que práticas eles estão ancorados? Qual o seu suporte institucional? Foucault é um maníaco das práticas, dos modos de fazer. E por conta disso, talvez, certa feita ele classificou o seu método como "materialista"

ou, sarcasticamente, como "um positivismo feliz" (FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso). Do mesmo modo, seu amigo Paul Veyne afirmou que ele foi "o primeiro historiador a ser completamente positivista" (VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a história. Como se escreve a história. Brasília: Ed. da UNB, 1982). É claro que não se trata do positivismo nos moldes da história tradicional. O "positivismo" de Foucault remete ao privilégio do efetivo, daquilo que o autor chamou de "positividades" em suas análises.

OBRAS DE MICHEL FOUCAULT:

- *Doença mental e psicologia* – 1954, 1962.
- *História da loucura na idade clássica* – 1961.
- *O nascimento da clínica* – 1963.
- *As palavras e as coisas* – 1966.
- *A arqueologia do saber* – 1969.
- *A ordem do discurso* – 1971.
- *Vigiar e punir* – 1975.
- *A vontade de saber* – 1976.
- *O uso dos prazeres* – 1984.
- *O cuidado de si* – 1984.

CONSULTAR SOBRE MICHEL FOUCAULT

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Lisboa: Vega, 1987.
ERIBON, Didier. **Michel Foucault e seus amigos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
ERIBON, Didier. **Michel Foucault**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
GUIBERT, Hervè. **Para o amigo que não me salvou a vida**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1995.
MERQUIOR, José Guilherme. **Michel Foucault ou o niilismo da cátedra**. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1985.
ROBINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
RIBEIRO, Renato Janine. (Org.). **Recordar Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
RAJCMAN, John. **Foucault**: a liberdade filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

TRONCA, Ítalo (Org.). **Foucault vivo**. Campinas: Pontes, 1987.
VEYNE, Paul. **Foucault revoluciona a História**. **Como se escreve a história.** Brasília: Editora da UNB, 1982. p. 145-181.

TEXTOS BÁSICOS

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia e história das idéias. In: Arqueologia do saber.** Petrópolis: Vozes, 1972.p. 167-173. (Edição original 1969).
FOUCAULT, Michel. Michel Foucault. In: HUISMANN, Denis (Org.). **Dicionário de Filósofos.** São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 388-390.

ATIVIDADES

1. De que modo Michel Foucault se enquadra no projeto do criticismo?
2. No tocante ao sujeito, em que Foucault se afasta da tradição filosófica da sua época, especialmente do existencialismo?
3. O que caracteriza a história praticada por Michel Foucault no plano das opções metodológicas?
4. Em que consistem os processos de "subjetivação" e "objetivação"?
5. No contexto das escolas focalizadas, como você classifica Foucault?
6. Qual a posição do autor sobre a questão da verdade?
7. No plano dos objetivos, o que diferencia a arqueologia da história das ideias?
8. De que modo o método do autor afasta-se da hermenêutica e do formalismo?
9. Em que consistem as "práticas discursivas" tematizadas por Foucault?

CONCLUSÃO

a) Em As Palavras e as Coisas (1966), o autor focalizou a emergência das Ciências Humanas, que tematizam o homem enquanto sujeito que fala, trabalha e vive, ou seja, o homem como objeto.
b) Em História da Loucura (1966), O Nascimento da Clínica (1963) e Vigiar e Punir (1975), ele focou a constituição do sujeito, enquanto objeto de conhecimento, como louco, doente ou delinquente. Que jogos de subjetivação e objetivação engendraram tais figuras? A psiquiatria, a medicina, a disciplina.
c) Por fim, Michel Foucault estudou a constituição do sujeito como objeto para si mesmo.Os modos pelos quais sujeitos foram levados a se observarem, examinarem, decifrarem, uma história da constituição da subjetividade, por meio de técnicas como a confissão, o exame de consciência, os exercícios espirituais. É o Foucault dos três volumes da História da Sexualidade (1976-1984), seus últimos estudos.

Eis, em largas pinceladas, a historiografia segundo Foucault.

RESUMO

Hoje estudamos Michel Foucault, teórico francês enquadrado na “História dos Pensamentos” ou “História das Ideias”. Seu propósito foi historiar, no contexto das sociedades ocidentais, da Antiguidade até os nossos dias, os “discursos verdadeiros”, ou seja, discursos marcados por efetividade, ou ainda pela ambição de verdade. No dizer do autor, em toda sociedade a produção do discurso é, ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimento. Foucault considera os discursos como situados e datados. Na abordagem de Foucault, os textos ou documentos são interrogados como sendo regidos por regras pelas quais o autor não é responsável, formas de dizer e pensar que estão na ordem do discurso, nos esquemas perceptivos próprios de uma época ou de um certo setor do pensamento. O autor fala, assim, de práticas discursivas como a psicopatologia, criminologia, sexualidade, etc. Foucault realiza uma história da subjetividade do homem ocidental.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** Lisboa: Vega, 1987.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault e seus amigos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault:** uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GUIBERT, Hervè. **Para o amigo que não me salvou a vida.** Rio de Janeiro: José Olímpio, 1995.

MERQUIOR, José Guilherme. **Michel Foucault ou o niilismo da cátedra.** Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ROBINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault:** uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

RIBEIRO, Renato Janine. (Org.). **Recordar Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAJCMAN, John. **Foucault:** a liberdade filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

TRONCA, Ítalo (Org.). **Foucault vivo.** Campinas: Pontes, 1987.

VEYNE, Paul. **Foucault revoluciona a história. Como se escreve a História.** Brasília: Editora da UNB, 1982. p. 145-181.